

VEREDAS

Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

VOLUME 19

AIL Associação Internacional
de Lusitanistas
A associação internacional de estudos lusófonos

SANTIAGO DE COMPOSTELA
2013

A AIL – Associação Internacional de Lusitanistas tem por finalidade o fomento dos estudos de língua, literatura e cultura dos países de língua portuguesa. Organiza congressos trienais dos sócios e participantes interessados, bem como co-patrocina eventos científicos em escala local. Publica a revista *Veredas* e colabora com instituições nacionais e internacionais vinculadas à lusofonia. A sua sede localiza-se na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, em Portugal, e seus órgãos directivos são a Assembleia Geral dos sócios, um Conselho Directivo e um Conselho Fiscal, com mandato de três anos. O seu património é formado pelas quotas dos associados e subsídios, doações e patrocínios de entidades nacionais ou estrangeiras, públicas, privadas ou cooperativas. Podem ser membros da AIL docentes universitários, pesquisadores e estudiosos aceites polo Conselho Directivo e cuja admissão seja ratificada pela Assembleia Geral.

Conselho Directivo

Presidente: Elias Torres Feijó, Univ. de Santiago de Compostela
eliasjose.torres@usc.es

1.º Vice-Presidente: Cristina Robalo Cordeiro, Univ. de Coimbra
cristinacordeiro@hotmail.com

2.ª Vice-Presidente: Regina Zilberman, UFRGS
regina.zilberman@gmail.com

Secretário-Geral: Roberto López-Iglésias Samartim, Univ. da Corunha,
rlopez-iglesias@udc.es

Vogais: Benjamin Abdala Junior (Univ. São Paulo); Ettore Finazzi-Agrò (Univ. de Roma «La Sapienza»); Helena Rebelo (Univ. da Madeira); Laura Cavalcante Padilha (Univ. Fed. Fluminense); Manuel Brito Semedo (Univ. de Cabo Verde); Onésimo Teotónio de Almeida (Univ. Brown); Pál Ferenc (Univ. ELTE de Budapeste); Petar Petrov (Univ. Algarve); Raquel Bello Vázquez (Univ. Santiago de Compostela); Teresa Cristina Cerdeira da Silva (Univ. Fed. do Rio de Janeiro); Thomas Earle (Univ. Oxford).

Conselho Fiscal

Carmen Villarino Pardo (Univ. Santiago de Compostela); Isabel Pires de Lima (Univ. Porto); Roberto Vecchi (Univ. Bolonha).

Associe-se pela *homepage* da
AIL: www.lusitanistasail.org
Informações pelos *e-mails*: secretaria@lusitanistasail.net

Veredas

Revista de publicação semestral

Volume 19 – Junho de 2013

Diretor:

Elias J. Torres Feijó

Editora:

Raquel Bello Vázquez

Conselho Redatorial:

Andrés José Pociña Lopez, Anna Maria Kalewska, Axel Schönberger, Clara Rowland, Cleonice Berardinelli, Helder Macedo, Maria Luísa Malato Borralho, Sebastião Tavares Pinho, Sérgio Nazar David, Ulisses Infante, Vera Lucia de Oliveira. Por inerência: Benjamin Abdala Junior, Cristina Robalo Cordeiro, Ettore Finazzi-Agrò, Helena Rebelo, Laura Cavalcante Padilha, Manuel Brito Semedo, Onésimo Teotónio de Almeida, Pál Ferenc, Petar Petrov, Regina Zilberman, Roberto López-Iglésias Samartim, Teresa Cristina Cerdeira da Silva, Thomas Earle.

Redação:

VEREDAS: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas

Endereços eletrônicos: veredas@lusitanistasail.net; revista.veredas@gmail.com

Desenho da Capa: Atelier Henrique Cayatte – Lisboa, Portugal

Impressão e acabamento:

Campus na nube, Santiago de Compostela, Galiza

ISSN 0874-5102

AS ATIVIDADES DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS TÊM O
APOIO REGULAR DO INSTITUTO CAMÕES

SUMÁRIO

Nota introdutória.....	7
BARBARA GORI	
Antero de Quental e o (des)encanto com o naturalismo metafísico alemão.....	9
CLAUDETE DAFLON	
Uma proposta de reflexão: literatura e ciência entre luso-brasileiros setecentistas.....	25
FILIPA MEDEIROS	
«Cantando espalharei por toda a parte» Estratégias de <i>marketing</i> político no Barroco: os emblemas fúnebres em honra da rainha D. Maria Sofia Isabel.....	49
MARIA APARECIDA RIBEIRO	
Moema, um episódio romântico no Barroco brasileiro e suas projeções até os nossos dias.....	71
MARIA DA GRAÇA GOMES DE PINA	
D. Francisco Manuel de Melo, autor e ator da «comédia do tempo».....	93
MARIA TERESA NASCIMENTO	
A devoção mariana no diálogo português do Barroco.....	137
REGINA ZILBERMAN	
O <i>Resumo de História Literária</i> , de Ferdinand Denis: história da literatura enquanto campo de investigação.....	149
ROLF KEMMLER	
Para uma melhor compreensão da história da gramática em Portugal: a gramaticografia portuguesa à luz da gramaticografia latino-portuguesa nos séculos XV a XIX.....	173
SARA AUGUSTO	
<i>Ut pictura fictio</i> . Ficção romanesca do maneirismo e do barroco.....	205
SOCORRO DE FÁTIMA P. BARBOSA	
A introdução às <i>Cartas Chilenas</i> ou <i>Epístola a Critilo</i> e a murmuração da corte no primeiro reinado.....	229

Nota introdutória

O presente número da revista *Veredas* é um monográfico dedicado aos estudos devotados a um dos períodos menos atendidos dentro dos estudos lusófonos, o que decorre entre a morte de Luís de Camões e o início do Romantismo.

Em 2012, a Associação Internacional de Lusitanistas, ciente da lacuna que afetava ao referido período, convocou especialistas em diferentes áreas da produção cultural dos séculos XVII e XVIII a participarem num colóquio em Budapeste. Pedia-se a apresentação de trabalhos arriscados, pesquisas em andamento, hipóteses ainda em fase de comprovação. Após o colóquio, com interessantes e intensos debates, foi oferecido às pessoas participantes elaborarem as suas comunicações como artigos e submetê-los a publicação na revista *Veredas*.

Os textos foram submetidos à revista e avaliados pelo sistema convencional de duplo cego. Parte deles são agora aqui recolhidos, outros serão publicados em próximos números da revista. Todos eles beneficiaram de um elevado grau de elaboração, e a prova disto é que frente a um índice de aprovação média que não alcança 50% dos originais submetidos à *Veredas*, nesta ocasião a percentagem de aprovação de trabalhos superou 70%. O resultado, é um volume em que aspectos pouco tratados nos estudos lusófonos são estudados com uma elevada qualidade científica, oferecendo não apenas resultados novos e inovadores, mas também novos trilhos pelos quais a pesquisa poderá ser desenvolvida nos próximos anos.

Raquel Bello Vázquez

Editora

A devoção mariana no diálogo português do Barroco

MARIA TERESA NASCIMENTO

Universidade da Madeira e Centro Interuniversitário
de Estudos Camonianos.

RESUMO

Com Fr. Amador Arrais, primeiro, com João Rebelo, depois, através da multiplicidade de micro-narrativas milagrosas, ou ainda com Brito Alão, no caso particular de Nossa Senhora da Nazaré, o diálogo português havia já sido expressão de devoção mariana. A *Miscelânea* de Miguel Leitão de Andrada, publicada em 1629, prosseguindo na esteira desta vertente religiosa do diálogo, confirma o hibridismo genológico do género que, se na anterior produção portuguesa não passara despercebido, agora supera essa propensão. Temas e formas conjugam-se para fazer desta obra um dos mais criativos diálogos publicados até à altura.

Palavras-chave Diálogo; Miscelânea; Devoção Mariana; Hibridismo; Barroco.

ABSTRACT

With Friar Amador Arrais, initially, then with João Rebelo, through a multitude of miraculous micro-narratives, or even with Brito Alão, in the particular case of *Our Lady of Nazareth*, Portuguese dialogue already expressed Marian devotion.

Miguel Leitão de Andrada's *Miscelânea*, published in 1629, continuing in the wake of this religious strand of dialogue, confirms the genologic hybridity of the genre. If in the previous Portuguese production this had not gone unnoticed, now it overcomes such propensity. Themes and forms combine to turn this dialogue into one of the most creative dialogues published to date.

Keywords Dialogue; Miscellany; Marian Devotion; Hybridism; Baroque.

A *Miscelânea*, de Miguel Leitão de Andrada, de seu título completo *Miscelânea do Sítio de Nossa Senhora da Luz do Pedrógão Grande, aparecimento de sua santa imagem, fundação do seu convento e da sé de Lisboa, expugnação dela, perda del rei Sebastiam. E que seja Nobreza, Senhor, Senhorio, Vassalo del-rei, Rico-homem, infância, Corte, Cortesia, Misura, Reverência, e Tirar o chapéu, e prodígios. Com muitas Curiosidades e Poesias Diversas*, é um longo texto publicado em 1629.

O título, menos habitual no conjunto das publicações em diálogo da Literatura Portuguesa, corre o risco de passar despercebido na inventariação a que se proceda de um *corpus* do género. O livro, poucas vezes objecto de estudo,¹ também o não foi ainda na perspectiva da sua definição genológica.

Muito embora o autor não se refira nunca ao diálogo como forma de expressão adoptada para o seu texto, preferindo acentuar a vertente miscelânica, é inegável a inclusão desta obra no grande conjunto em que também a Literatura Portuguesa quis marcar presença, de modo contínuo até pelo menos ao século XIX. À altura da saída da *Miscelânea*, o século XVII tinha já assistido à publicação da *História dos Milagres do Rosário* (1602), de João Rebelo, dos *Diálogos do Sítio de Lisboa* (1608), de Luís Mendes de Vasconcelos, dos *Diálogos sobre a Vida e Morte do Muito Religioso Sacerdote Bartolomeu da Costa Tesoureiro Mór da Sé de Lisboa* (1611), do *Diálogo das Grandezas do Brasil* (1618), de Ambrósio Fernandes Brandão, da *Corte na Aldeia* (1619), de Francisco Rodrigues Lobo, e da *Antiguidade de Nossa Senhora da Nazaré*, de Brito Alão, este último apenas anterior em um ano ao presente diálogo.

Em três destes diálogos, o culto mariano é nota comum. Depois de Fr. Amador Arrais no Séc. XVI ter já enaltecido a Virgem, em diálogo, o século XVII volta a insistir na via salvífica que o homem pode obter por sua intercessão. É esse o sentido dos diálogos de João Rebelo, de Brito Alão e de Miguel Leitão de Andrada. Neste último autor, o

¹ A obra tem sobretudo merecido o interesse daqueles que nela têm procurado identificar composições poéticas, cuja autoria não é indicada no texto da *Miscelânea*. Igualmente susceptíveis de estimular o interesse dos estudiosos têm sido os capítulos referentes ao desastre de Alcácer Quibir.

propósito devocional torna-se explícito desde o poema de abertura, um misto de dedicatória e de invocação à Virgem —«Vós, nom Calíope, me sei favorável, dando-me azas de dom virtuoso,/ Vós que sois luz, e hum sol luminoso,/ Que fale de vós, me dai que seja habel» (XV). O *Prólogo ao Leitor Benévolo* reforça a declaração do rendido preto à Senhora da Luz e a necessidade de divulgar as inúmeras mercês recebidas. Miguel Leitão de Andrada, que em nome pessoal se expressará, é o sujeito sobre quem recaíram as graças de Nossa Senhora. O diálogo assume, conseqüentemente, um cunho de veridicção indesmentível, explicado a partir deste mesmo texto liminar. Falar de si próprio encontraria, nas suas palavras, justificação em Sto. Agostinho, S. Jerónimo, Júlio César, Santa Teresa de Jesus, Cornélio Tácito ou Trogo Pompeio que assim procederam.² E a natureza do empreendimento legitima a analogia que o autor funda nas melhores autoridades.

A devoção mariana surge como o único fio condutor capaz de conferir alguma unidade à multiplicidade de temas que invadem o diálogo de Miguel Leitão de Andrada. Dessa heterogeneidade estava o autor consciente quando por mais do que uma vez se refere ao seu texto como uma «selada»:³ «Bem estou vendo que muitos me hão de notar, por verem neste livro (a que me pareceu chamar *Miscellanea* ou selada, pola diversidade de cousas que nele vão misturadas)», afirma ele no Prólogo aos Leitores Benévolos (Andrada, 1867: XX).

Composta por vinte diálogos, a interlocução da *Miscelânea* envolve primeiro Devoto e Galácio até ao Diálogo X. A partir deste, Crispo vem enriquecer o elenco de personagens, onde se cruzam, de forma não linear, diversos tempos e espaços: no presente, processa-se a jornada entre Lisboa e o Sítio da Senhora da Luz; no passado, remontando até à evocação das fabulosas origens de Pedrógão Grande, ou mesmo da Lusitânia, percorre-se a genealogia dos Leitão de Andrada, com demora autobiográfica num dos seus descendentes, a personagem de Devoto,

2 A esta última alusão, se referiu já, como provavelmente infundada por se terem perdido os livros deste historiador, Manuel Duarte, na sua introdução à edição mais recente da *Miscelânea* (Duarte, 1993: 36).

3 Ver, por exemplo, o paratexto que dirige ao «Padre Prior e mais Padres do Convento de Nossa Senhora da Luz do Pedrógão Grande».

muito particularmente na sua participação como soldado em Alcácer-Quibir.

Parte significativa do diálogo ocorre com os interlocutores em movimento, ao longo de diversas jornadas. No início, entre Lisboa e Pedrógão, depois, aqui chegados, em vários dos seus espaços privilegiados pela Natureza, e previamente agendados de dia para dia.

A abrir o primeiro diálogo, nisso quase só se demorando, ocorre a extensa caracterização do lugar de Pedrógão Grande. A descrição, profusa, na enumeração e na superlativação dos elementos, atenta à fertilidade do lugar, à riqueza das infindáveis águas que brotam do solo ou dos penhascos, ao verde exuberante do arvoredo ou às flores de cores variegadas, à multiplicidade de aves, de peixes, de frutas e de legumes, oferece contornos edénicos indesmentíveis. A linguagem faz-se poesia e são agora as muitas ermidas do lugar e dos seus arredores em honra de S. Sebastião, de S. Dinis, de Nossa Senhora da Conceição, a ser exalçadas em verso, por meio de canção, sonetos, romances, quintilhas, trovas ou epigramas.

A Devoto, que partira de Lisboa em companhia de Galácio, para pagar a promessa devida a Nossa Senhora da Luz, caberá em várias ocasiões, para além da extensa fala inicial, corroborar a excelência do sítio para onde se dirige, de bons ares e de boa gente. Será este, cumpre-nos aqui registar, o enquadramento perfeito para a conversação que mais tarde ocorrerá sob o *topos* do *locus amoenus*, numa tradição a que o texto da *Miscelânea* se conforma⁴ e que desde a Antiguidade Greco-latina tem servido de matriz ao género do diálogo. Mas, por enquanto, Pedrógão é apenas um destino ao qual as personagens só chegarão depois de algumas jornadas. Até lá, Devoto e o conterrâneo Galácio dialogarão sobre diversas matérias, sejam as suscitadas pela sucessividade de espaços que percorrem, sejam aquelas que mais estritamente se ligam à devoção mariana, como é o caso de todo o diálogo terceiro, ao longo do qual Devoto, respondendo à solicitação do interlocutor, dá conta, de uma forma mais sistemática, das inúmeras mercês com que diz ter sido

⁴ Consulte-se, a este propósito, Fr. Heitor Pinto. *Imagem da Vida Cristã*. Lisboa. Sá da Costa, 1940.

favorecido ao longo da vida, desde os sinais da presença divina que lhe foi dado experimentar logo em tenra idade até aos repetidos modos de salvamento e sinais milagrosos com que Nossa Senhora quis livrá-lo.

A cada graça, há lugar para promessas renovadas, para a expressão de uma fé em que toda a família dos Leitões se oferece como exemplo, até mesmo em provas de santidade.

O culto mariano é também objecto em Miguel Leitão de Andrada de manifestações de espiritualidade expressas em diferentes géneros do modo lírico, contidos tanto na dedicatória como no Prólogo aos Leitores, sem esquecer diversas formas de louvor e de oração propiciadas pelo desenvolvimento do diálogo e também elas, objecto de poetização.

A presença de Devoto em Alcácer-Quibir como soldado, o relato da batalha e da conseqüente retirada ocupam três diálogos. A personagem prodigaliza-nos uma circunstanciada narrativa dos diferentes lances aventureiros em que se viu envolvida, afirmando, contudo, ao leitor: «o meu intento não é de história (deixando isto aos cronistas) senão contar-vos de mim na memória das muitas mercês que a Virgem Nossa Senhora da Luz me fez» (Andrada, 1867: 164).

Se, no que diz respeito ao diálogo terceiro, a narrativa se construiu de modo condensado e retrospectivo relativamente a todo um percurso de vida, agora, em Alcácer-Quibir, acompanhamos Devoto, passo a passo, não apenas limitando-se a receber ou a interpretar a intercessão mariana, mas tentando antecipar os seus efeitos, através de uma rogativa que contém quer uma confissão de culpa, quer sobretudo as virtualidades de uma promessa condicional. Devoto promete uma festa de celebração da Virgem, se Ela o levar a salvamento. Ouçamos as suas palavras (Andrada, 1867: 172):

Senhora vós sabeis o que eu posso, e o estado em que meus pecados me tem posto, isso que eu puder ajudar melhor será pera vos ir fazer uma festa na vossa casa e sítio, o que vos prometo se lá me levares com liberdade. Feito este voto e contrato com minha Senhora, permitiu ela

que desde aqui crescessem ainda mais os trabalhos e perseguições, pera que eu visse que só ela me tirava deles como por milagre.

Estabelecido o contrato, e posto Devoto em salvamento, ei-lo perante a necessidade obrigada de cumprir a promessa feita. E é na perseguição desse intento que encontramos, desde o início do diálogo, como já dissemos, as duas personagens a caminho de Pedrógão Grande. Esperaríamos, logo após a fala esporádica de um Cavaleiro, vindo a receber os peregrinos à chegada, poder ir assistindo aos festejos em honra de Nossa Senhora da Luz, no decurso da conversação. Não é isso, contudo, o que verificamos. O relato ulterior do acontecido pertencerá a Galácio e será propiciado pelo pretexto da ausência de Crispo que, em peregrinação a Santiago, não tinha tido ensejo de participar nesses quatro dias de festividades.

Galácio não se escusará a tudo descrever, desde o aparecimento do arauto da Fama, em fantasiada alegoria, até aos pormenores de abundância na hospitalidade com que os peregrinos eram providos. Mais do que isso, no seu discurso serão lembradas todas as celebrações com que de forma divina ou profana se quis honrar a Senhora da Luz, a partir de 8 de Setembro de 1612. E não estamos a falar da simples alusão à representação de entremeses ou de uma comédia de Lope de Vega, *A Ocasião Perdida*, estamos, sim, a realçar o modo como no diálogo confluem outros registos literários, de entre os quais se destaca o dramático.

O diálogo incorpora, assim, três representações. Na primeira, desfilam perante o nosso olhar, uma a uma, as nove musas, guiadas por Calíope metonimicamente, acompanhadas de livros que remetem para a sua arte, e recitando versos de rendido preto à Senhora da Luz, pelo saber mais alto que ela detém. Atentemos em alguns excertos (Andrada, 1867: 218-219):

Diz Clio:

De meu saber confusa,

Me venho aos pés diante,
D'outra musa mais nobre e elegante

.....

Ou Tália:
Já pago vassalagem,
A quem o Céu reserva,
Por quem sendo Senhora já sou serva.

.....

Ou ainda Melpomene cantará:

.....

Com alegres discantes,
Direi divinas prosas,
Que logo Virgem o são quando são vossas

A representação, longa, e dançada, contempla ainda a entrada de meninos a quem as Ninfas fizeram portadores de ramalhetes de flores que, depois de entregues às Musas, serão por elas oferecidos à Senhora.

Após esta dança, surge um Colóquio em verso, em castelhano, representando, sob vestimenta de pastores, as três pessoas da Santíssima Trindade, competindo entre si para ver que atributos cada uma daria a Nossa Senhora. Esta dramatização, que não será já, como as anteriores, objecto de reprodução integral do texto, agora optando Galácio, algumas vezes, por resumir alguns dos seus passos, é nas suas palavras, «sutilíssima e de excelentes conceitos, e pontos tão subidos de ponto, quanto vos não sei encarecer» (Andrada, 1867: 224).

Ainda no segundo dos diálogos (Diálogo XII) consagrado ao relato das festividades, é a vez da dramatização de um passo da Senhora da Anunciação. A alegoria é a figura preponderante, desde a concepção cénica até à natureza das personagens envolvidas. Céu, Terra, Anjos, Trono, Potestades, Principados, Dominâncias contracenam em versos deleitosos de homenagem à Virgem. Primeiro, Céu e Terra, em disputa pela posse da Senhora, depois, rendida a Terra ao lugar que a Senhora deverá ocupar no Céu... O soneto final, sob forma dialogada, maiorita-

riamente assente no esquema de pergunta-resposta entre um Querubim e um Serafim, marca a Ascensão de Nossa Senhora, depois de confirmada a sua identidade. A antítese que se estabelece entre os dois últimos versos do segundo terceto, marcados pelo paralelismo de construção, é bem ao gosto barroco: «Porque da Terra Vem? Seraph: Porque é humana/ E porque sobe ao Céu? Seraph: Porque é divina» (Andrada, 1867: 236).

Terminada a descrição das festas em honra de Nossa Senhora, ricas em variedade, novidade e abundância, de que aqui apenas deixamos o que importa à emergência de outros registos no diálogo, os três interlocutores agendarão novo encontro para o dia seguinte – nada de novo, portanto, neste modo de antecipação prévia da conversação, nem menos ainda naquilo que nos parece uma reminiscência platónico-ciceroniana da escolha da melhor relva para assento.

Agora, o diálogo prossegue a senda começada com a narrativa de Galácio, no sentido de o protagonismo inicial de Devoto se ter esbatido em proveito do dos outros interlocutores. Será, por isso, a vez de Crispo, investido das funções de narrador, trazer até nós uma fábula de sentido alegórico, cujo conteúdo embora de forma mais imediata aponte para a origem geográfica e topográfica do Sítio de Pedrógão Grande – e por isso aqui a trazemos pela contiguidade que estabelece com Nossa Senhora da Luz – denota um alcance mais profundo como já veremos.

A acção remonta ao tempo do Reino de Arounce, situado algures em Colímbria e retrata numa primeira fase o ambiente palaciano feminino e o modo como os pretendentes concorrem nos amores de Peralta, a princesa, filha do rei de Arounce, ou no de Iria, sua aia, as quais sempre olharão com desdém aqueles que incansavelmente as presenteavam com declarações amorosas expressas em infindáveis missivas líricas.

A fábula, que já de si constitui uma ramificação no diálogo, vindo inclusive a enxertar-se nele como outro nível diegético, vive neste caso concreto na dependência de diversas formas poéticas à custa das quais a intriga vai evoluindo. Falamos em particular da maneira pela qual se tenta edificar um sistema de comunicação de natureza amorosa assente na acumulação de diferentes géneros do modo lírico. Jamais veremos algum dos pretendentes da Princesa Peralta ou da sua aia Iria

manifestarem-se de outro modo que não seja através da poesia, com especial preferência para o soneto que, no caso particular das declarações de Escalor, atinge o número de catorze ocorrências, sem com elas obter o menor vislumbre de correspondência amorosa.

Vénus, disfarçada, virá pôr cobro a este estado de sobrançeria e desdém feminino, instilando em Arounce o estigma da destruição, que culminará com a aniquilação do reino e a metamorfose dos pares amorosos e de alguns dos seus próximos em diversos acidentes de natureza orográfica ou geológica. A moralidade da alegoria barroca afirma-se por duas vezes: «Que tais são as felicidades, e cousas desse mundo caducas, e merecedeiras, sem ter firmeza alguma mais que em a não ter em nada» (Andrada, 1867: 301); «Bom espelho nos pode ser esse pera nos não confiar das cousas, e prosperidades deste mundo, nem nelas cousa alguma» (Andrada, 1867: 304).

Durante mais três diálogos prosseguirá a conversação, até ao final da *Miscelânea*, mas o fio da devoção mariana que a norteava até à chegada a Pedrógão Grande e ao relato das festas perde-se, para acabar de cumprir a promessa do título. Será a vez de discorrer sobre muitas mais curiosidades, nelas incluídos diversos prodígios do tempo, em homens e animais. Espaço significativo ocupará ainda a reflexão sobre a essência da verdadeira nobreza e alguns dos seus títulos. Ao diálogo assomará igualmente a vertente alegórica que se iniciara e parecera terminada com a narrativa do reino de Arounce, desta vez, para mostrar o amor de Vénus aos Lusitanos. A ínsula divina que há-de preparar no meio do Oceano é afinal proveniente de uma pedra arrancada da própria Lusitânia.⁵ Com um romance castelhano de enaltecimento a alguns dos heróis lusitanos (Sertório, Nun'Álvares Pereira ou os descendentes dos Leitões) terminará a *Miscelânea*, sem que o leitor se tivesse apercebido de que se encaminhava para o seu fim.

É também tempo para nós de findar esta breve abordagem à *Miscelânea* de Miguel Leitão de Andrade com algumas conclusões.

5 Sobre a relação entre *Os Lusíadas* e a *Miscelânea*, nomeadamente no que diz respeito ao significado de Vénus, leia-se António Cirurgião (1989).

No diálogo português do Renascimento tínhamos já deparado com diversas manifestações de hibridismo que apenas vieram confirmar uma tendência que afectara o género desde a Antiguidade Clássica. Fica aqui registado o caso de autores como Samuel Usque, Fr. Amador Arrais, Fr. Heitor Pinto, Pedro de Mariz e Vasco Mousinho de Quevedo.⁶

Com a *Miscelânea* de Miguel Leitão de Andrada, o diálogo vê extremada esta orientação. Agora estamos perante a emergência sistemática de outros géneros dentro do diálogo, num efeito que algumas vezes caracterizaríamos de arborescente.

A contaminação do diálogo com outros registos literários na *Miscelânea* havia sido devidamente salvaguardada por Miguel Leitão de Andrada no paratexto, de uma forma particularmente sugestiva (Andrada, 1867: XX):

Algumas [cousas] que lhe parecerão alheias, e ditos também alheios; a quem se responde que me mostrem um só livro de quantos té hoje são escritos, que não tenha cousas alheias, e antes algumas inteiramente tresladadas. Porque, que cousa se pode dizer, que não seja já dita? *Nihil sub sole recens*, diz o Sábio.

A primeira parte da afirmação de Miguel Leitão de Andrada antecipa aquilo que nenhum dos teorizadores modernos da intertextualidade tem ignorado, a de que qualquer texto se inscreve numa vasta rede de citações. No que diz respeito aos textos inteiramente «tresladados», não fosse a inexistente identificação dos seus autores e talvez a *Miscelânea* fosse até aqui ainda menos visitada, nesse exercício que tem conduzido ao reconhecimento de alguns poetas quinhentistas incorporados no diálogo, como sejam Camões, Estêvão Rodrigues de Castro, D. Juan da Silva, o Conde de Linhares, Manuel Soares de Albergaria, entre outros (Bernardes, 1995: 259 col. 1), (Duarte, 1993: 37-40), (Silva, 1994: 67-71).

⁶ Ver, a este propósito, Maria Teresa Nascimento (2011).

Em pleno Barroco, constituirá a *Miscelânea* uma autêntica viragem no panorama do diálogo português? Parece-nos que este diálogo, do ponto de vista formal, apenas vem acentuar, até à exaustão, aquilo que desde Platão ficara já insinuado como marca do género, o seu carácter proteico de que falam Snyder (1989: 7) ou Herrero (1988: 173) fugidio, também diremos.

De facto, um aspecto que aqui queríamos deixar assinalado é que, se o diálogo, no caso da *Miscelânea*, passou a acusar uma maior dependência no que diz respeito a formas poéticas e dramáticas aparentemente alheias, ele adquire maior autonomia relativamente ao peso das autoridades da antiguidade greco-latina e da patrística, muito menos presentes, agora, do que na prática anterior dos diálogos quinhentistas.

Trata-se, de qualquer modo, de conclusões provisórias que precisam ainda de ser alargadas aos demais diálogos do Barroco.

REFERÊNCIAS

- ALÃO, Manuel de Brito. *Antiguidade da Sagrada Imagem de Nossa S. de Nazareth: Grandezas de seu Sítio, Casa, e Jurisdição Real, Sita junto à Villa da Pederneira*. Lisboa. Pedro Crasbeeck Impressor del Rei, 1628-1637, 2 vols. Digitalizado pela BNP: <http://purl.pt/12032/4/>.
- ANDRADA, Miguel Leitão de. *Miscelânea do Sítio de Nossa Senhora da Luz do Pedrógão Grande, Aparecimento de sua Santa Imagem, Fundação do seu Convento e da Sé de Lisboa, Expugnação dela, Perda del rei Sebastiam. E que Seja Nobreza, Senhor, Senhorio, Vassalo del-rei, Rico-Homem, Infanção, Corte, Cortesia, Misura, Reverência, e Tirar o Chapéu, e Prodígios. Com Muitas Curiosidades e Poesias Diversas*. Lisboa. Imprensa Nacional, 1867. Digitalizado por Google Books.
- ANDRADE, Miguel Leitão de. *Miscelânea*. Lisboa. Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.
- ARRAIS, Fr. Amador. *Diálogos* (intr. e revisão M. Lopes de Almeida). Porto. Lello & Irmão, 1974 (1589).
- BERNARDES, José Augusto Cardoso. «Andrada, Miguel Leitão de». *Biblos*. Lisboa, S. Paulo. Verbo, 1995, col. A, p. 259, vol. 1.
- CIRURGIÃO, António. «Camões e Miguel Leitão de Andrade». *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 108, Mar. 1989, pp. 18-26.
- DUARTE, Manuel Marques. «Introdução». *Miscelânea*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, pp. 11-77.
- HERRERO, Ana Vian. «La Ficción Conversacional en el dialogo renacentista». *Edad de Oro*, VII, Madrid. Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid, Universidad Internacional Menéndez Pelayo, 1988, pp. 173-186.

- NASCIMENTO, Maria Teresa. *O Diálogo na Literatura Portuguesa. Renascimento e Maneirismo*. Coimbra. Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 2011.
- REBELO, Padre João. *História dos Milagres do Rosário*. Évora. Manoel Carvalho Impressor da Universidade, 1619 (1602).
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. «Notas sobre o Cânone da Lírica (II)». *Camões: Labirintos e Fascínios*. Lisboa. Edições Cotovia, 1994, pp. 57-71.
- SNYDER, Jon R. *Writing the Scene of Speaking. Theories of Dialogue in the Late Italian Renaissance*. California. Stanford University Press, 1989.